

MUSEU DA LOUCURA: O DARK HERITAGE E O DARK TOURISM APLICADOS AO CASO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE BARBACENA

Karen C. Galletto
Centro de Estudos
Interdisciplinares (CEIS20 -
Universidade de Coimbra)
karengalletto@hotmail.com
ORCID: 0000-0001-5319-3553
Outubro 2023

ARIES.ISSN 2530-7843

Resumo: A história dos hospitais psiquiátricos brasileiros até meados dos anos 1970 foi marcada pela influência de princípios eugenistas. A psiquiatria e a eugenia se tornaram intimamente relacionadas, com um grupo de psiquiatras associados à higiene mental desempenhando um papel significativo nessa conexão. Isso resultou em ações que transformaram os hospitais psiquiátricos em projetos extremos de segregação e alegada regeneração racial. Um exemplo notório desse cenário é o Hospital Psiquiátrico de Barbacena, fundado em 1903. Os abusos ocorridos em suas instalações resultaram, ao longo de sete décadas, na morte de cerca de sessenta mil pacientes. Após uma série de campanhas e mobilizações da sociedade civil, ocorreram mudanças nas políticas de tratamento, transformando o hospital em uma referência de qualidade no atendimento. A inauguração do Museu da Loucura em 1996, localizado nas instalações do hospital, representou a visibilização, por meio da experiência turística, de um obscuro período da história da psiquiatria brasileira. Este estudo aspira analisar o processo de transformação em museu que ocorreu no Hospital Psiquiátrico de Barbacena a partir dos conceitos derivados de "Dark Heritage" e "Dark Tourism". Esses conceitos abordam a importância das visitas a locais onde dores e mortes ocorreram e continuam a afetar a vida das pessoas.

Palavras-Chave: Dark Heritage; Dark Tourism; Hospital Psiquiátrico de Barbacena; Eugenia; Higiene Mental.

Abstract: The history of Brazilian psychiatric hospitals until the mid-1970s was marked by the influence of eugenic principles. Psychiatry and eugenics became closely linked, with a group of psychiatrists associated with mental hygiene playing a significant role in this connection. This resulted in actions that transformed psychiatric hospitals into extreme projects of segregation and alleged racial regeneration. A notorious example of this scenario is the Psychiatric Hospital of Barbacena, founded in 1903. The abuses that occurred in its facilities resulted in the deaths of about sixty thousand patients over seven decades. After a series of campaigns and mobilizations of civil society, changes in treatment policies occurred, transforming the hospital into a reference of quality care. The inauguration of the Museum of Madness in 1996, located in the hospital's facilities, represented the visibilization, through the tourist experience, of a dark period in the history of Brazilian psychiatry. This study aspires to analyze the process of transformation into a museum that occurred at the Psychiatric Hospital of Barbacena from the concepts derived from "Dark Heritage" and "Dark Tourism". These concepts address the importance of visiting places where pain, suffering, and death have occurred and continue to affect people's lives.

Keywords: Dark Heritage; Dark Tourism; Psychiatric Hospital of Barbacena; Eugenics; Mental Hygiene.

INTRODUÇÃO

A relevância de preservar a memória reside na valoração da luta contra o esquecimento, não apenas no esforço da memória, mas especialmente no temor do olvido, como discutido por Ricoeur (2007). Para evitar que o passado se dissipe no presente, é de importância fundamental que os eventos passados se submetam a mecanismos de organização e análise, como proposto por Ferro (1988).

O propósito deste estudo consiste em justificar a importância da abordagem histórica do Hospital Psiquiátrico de Barbacena. A experiência vivenciada pelos indivíduos internados nesse local deixou marcas permanentes em suas histórias, comparáveis aos horrores testemunhados nos campos de concentração nazistas. Fundado em 12 de outubro de 1903, o hospital fazia parte de um conjunto de sete instituições psiquiátricas construídas na cidade e ganhou a infame alcunha de “Holocausto Brasileiro”.

As condições de vida na instituição eram extremamente precárias e desumanas. O eminente psiquiatra italiano Franco Basaglia, ao realizar uma visita à instituição em 1979, ficou profundamente chocado com a deplorável situação que encontrou e chegou a fazer uma dolorosa analogia, comparando o local a um campo de concentração nazista.

Desde o início do século XX, o hospital seguia um protocolo de internações carente de critérios médicos, no qual a padronização se estendia até mesmo aos diagnósticos. Os pacientes eram admitidos com base em sintomas triviais, como a tristeza, por exemplo. Estimativas apontam que aproximadamente 70% dos internados não apresentavam evidências de doença mental comprovada (Arbex, 2013). O hospital se tornou, desse modo, um destino para indivíduos considerados desajustados, incluindo homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoólatras, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e outros grupos marginalizados, bem como aqueles rotulados como “insanos”. Essa abordagem encontrava respaldo na teoria eugenista, que sustentava a ideia de purificação social e justificava os abusos perpetrados pela instituição, a qual buscava afastar tais indivíduos da sociedade e, preferencialmente, mantê-los fora da vista pública.

A partir de 1930, com a superlotação do hospital, iniciou-se um cenário de extermínio que perdurou por três décadas. Em determinado momento, a instituição passou a acomodar 5 mil pacientes, enquanto sua capacidade original era de apenas 200 vagas. Para contornar esse problema, o chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais oficialmente sugeriu a substituição das camas por leitos de capim, a fim de economizar espaço nos pavilhões e abrigar um número maior de internos. O modelo de leito no chão foi inclusive recomendado pelo Poder Público para outros hospitais mineiros em 1959. Somente em 1980, com o advento das primeiras reformas psiquiátricas no Brasil, os lamentos dos desfavorecidos começaram a ceder lugar a uma incipiente esperança (Arbex, 2013).

Estima-se que aproximadamente sessenta mil indivíduos tenham perdido a vida nas instalações do Hospital Colônia, representando a aniquilação de pelo menos duas gerações de pessoas inocentes ao longo de 18.250 dias de terror, marcando um período de extrema dramaticidade na história do Brasil. Atualmente, restam menos de uma duzentas sobreviventes dessa tragédia silenciosa. Os marginalizados socialmente chegavam a Barbacena procedentes de diversas regiões do Brasil e eram transportados em vagões de carga, de maneira análoga ao transporte dos judeus para os campos de concentração nazistas de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial. A expressão “comboio de doido”, introduzida pelo escritor Guimarães Rosa, tornou-se parte do léxico local com uma conotação positiva, mas, naquela época, indicava o início de uma jornada sem retorno em direção ao sofrimento inexprimível. Guimarães Rosa, também médico voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista de 1932, tornou-se oficial médico no 9º Batalhão de Infantaria em Barbacena um ano depois, e em suas obras literárias, resgatou a situação dos comboios que chegavam à capital brasileira da loucura em busca de cuidados psiquiátricos.

Desde o seu início, o hospital teve sua missão deturpada. Já em 1914, registros documentavam as deficientes condições de atendimento, apesar dos constantes aportes de verbas aprovados pela Assembleia Legislativa. Embora oficialmente considerado um presente de consolação para Barbacena, construído como um gesto de conforto após a

cidade ter perdido a disputa com Belo Horizonte pela posição de capital de Minas Gerais, na prática, o Hospital Colônia servia a interesses políticos que, por sua vez, contribuíram para estimular a economia local.

O TERROR DA TERAPIA DE CHOQUE

A aplicação da eletroterapia para tratar distúrbios mentais remonta a 1938, embora tenha sido alvo de controvérsias significativas ao longo do século passado. Nas últimas décadas, houve avanços na tecnologia do eletrochoque, permitindo sua utilização terapêutica em determinados tipos de transtornos, como a depressão profunda, ainda que existam opiniões divergentes sobre sua aplicação. No Brasil, somente a partir de 2002, houve uma regulamentação mais rigorosa por parte do Conselho Federal de Medicina, que estabeleceu diretrizes específicas para a sua adoção, incluindo a obrigatoriedade de sua aplicação sob anestesia geral. Além disso, a introdução de relaxantes musculares foi implementada para minimizar as convulsões, embora essa prática não tenha sido universalmente adotada.

No Hospital Psiquiátrico de Barbacena, também conhecido como Colônia, os procedimentos de eletrochoque eram realizados de maneira desumana, assemelhando-se mais a atos de tortura do que a tratamento médico. No ambiente degradante da instituição, os profissionais eram obrigados a seguir uma trajetória que envolvia a execução de diversos procedimentos na área de saúde, incluindo a administração de injeções e curativos, além do temido eletrochoque, como parte de sua progressão na carreira no hospital. O tratamento era aplicado de maneira indiscriminada, mesmo quando a infraestrutura elétrica da cidade não suportava a carga requerida, resultando em óbitos e graves lesões para alguns pacientes.

No Colônia, a falta de alimentos e água era constante, chegando ao ponto onde o esgoto que cercava os pavilhões servia como única fonte de água. Em casos extremos, a escassez de comida levou os pacientes a recorrerem à ingestão de insetos como último recurso para sobreviver. O isolamento prolongado no Colônia corroía os últimos vestígios de humanidade dos indivíduos ali internados. Além dos desafios enfrentados diariamente pelos pacientes, o Colônia também se envolveu em um tráfico ilegal de corpos destinados às faculdades de medicina.

A DENÚNCIA

As condições de vida na instituição eram extremamente precárias e desumanas. O eminente psiquiatra italiano Franco Basaglia, ao realizar uma visita à instituição em 1979, ficou profundamente chocado com a deplorável situação que encontrou e chegou a fazer uma dolorosa analogia, comparando o local a um campo de concentração nazista. Sua visita gerou uma mobilização significativa, clamando pelo encerramento imediato do estabelecimento. Contudo, apesar dos esforços e protestos, o fechamento efetivo do Colônia só se concretizou anos mais tarde, ao longo da década de 1980.

Durante esse período, houve uma crescente conscientização sobre a necessidade de reformas no tratamento da saúde mental, influenciada pelas ideias de Basaglia e outros defensores do movimento de desinstitucionalização. Essa gradual transformação das políticas de saúde mental contribuiu para o encerramento de diversas instituições asilares semelhantes ao longo dos anos. Surpreendentemente, em 1996, após vários anos de seu fechamento, o Colônia foi reaberto, mas com uma abordagem totalmente distinta. Em um notável contraste com sua função original, o local foi transformado em um “Museu da Loucura”.

Essa iniciativa simboliza um marco no reconhecimento das injustiças e desumanidades cometidas no passado contra pessoas com transtornos mentais, bem como um esforço para promover a conscientização e o respeito pela diversidade e dignidade da experiência

humana. Nesse contexto, a transformação do Colônia em um museu acadêmico e cultural visa perpetuar a memória daquele sombrio período da história da saúde mental, oferecendo uma plataforma educacional para compreender os erros do passado e buscar abordagens mais eficazes no tratamento das doenças mentais na sociedade contemporânea.

O “Museu da Loucura” representa um constante lembrete de que a estigmatização e o tratamento inadequado das questões mentais não devem ser repetidos, ao mesmo tempo que celebra o progresso alcançado em direção a uma abordagem mais compassiva e respeitosa no enfrentamento das questões de saúde mental.

DARK HERITAGE X COLÔNIA

O termo *dark heritage* surgiu no âmbito acadêmico na década de 1990, como resultado dos estudos conduzidos pelos acadêmicos britânicos Malcolm Foley e John Lennon. Embora originalmente concebido para comercializar o patrimônio existente, frequentemente, os habitantes de áreas ligadas a eventos traumáticos do passado enfrentam desafios para reconhecer a importância desses locais (Logan & Reeves, 2009).

O conceito de *dark heritage* engloba os locais onde ocorreram eventos desarmônicos e dolorosos, enquanto o fenômeno do *dark tourism* deriva da exploração comercial e mercantilização desses lugares, frequentemente com forte influência dos meios de comunicação (Foley & Lennon, 1999). Embora a apropriação desses patrimônios seja controversa, pode ser vista positivamente, já que aumenta a visibilidade e a conscientização sobre o tema, permitindo que alcance um público mais amplo, indo além dos círculos acadêmicos. Na década de 2000, alguns autores começaram a categorizar esses patrimônios com base na intensidade dos eventos traumáticos associados a eles.

Portanto, *dark heritage* pode ser definido como qualquer patrimônio relacionado à dor e ao sofrimento, como é o caso do Hospital Psiquiátrico de Barbacena, que atualmente se transformou em um museu da loucura. A preservação desse tipo de patrimônio é de suma importância, ao representar uma parte significativa da história e da memória coletiva. Sua relevância é transmitida por meio de narrativas orais, relatos e documentos escritos, como evidenciado pela iniciativa que culminou na criação do atual museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões deste estudo enfatizaram diversos aspectos relacionados à memória, com destaque especial para as memórias dissonantes e seu impacto na vida das pessoas. A memória ligada ao hospital psiquiátrico foi explorada como um elemento que influencia a formação de valores, a consolidação de atitudes e comportamentos, além de projetar as tragédias do passado para o futuro. A narrativa histórica desempenha um papel fundamental ao ressaltar a importância de todas as vidas. O passado pode ser considerado tanto um refúgio quanto uma fonte de resistência, uma vez que ele nos proporciona a conscientização sobre o que deve ser preservado e o que precisa ser evitado. Nesse contexto, tanto indivíduos quanto a sociedade como um todo devem estabelecer conexões e adquirir conhecimento e sensibilização por meio da educação, de modo a cuidar de si e dos outros.

Embora o passado seja imutável, o presente oferece a oportunidade de tomar ações corretas com vistas a construir um futuro promissor. Com esforço e dedicação, é possível moldar um futuro próspero. A reflexão sobre o passado e o aprendizado com as memórias dissonantes podem servir como uma base sólida para orientar as ações no presente e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

Portanto, é de extrema importância reconhecer o valor da preservação das memórias, especialmente daquelas ligadas a experiências dolorosas, a fim de evitar que os erros do passado se repitam. Através desse processo de reflexão e aprendizado, a sociedade pode evoluir e tornar-se mais sensível às necessidades de seus membros, criando um ambiente em que todas as vidas sejam valorizadas e respeitadas. Assim, a memória coletiva e a consciência histórica devem ser apreciadas como ferramentas para a construção de um futuro mais justo e humano, onde as tragédias passadas se transformem em lições para um mundo melhor. O presente é a chave para essa transformação, e somente com atitudes responsáveis e comprometidas poderemos alcançar um futuro verdadeiramente próspero para todos.

REFERÊNCIAS

Arbex, D. (2013). *Holocausto Brasileiro*. Geração Editorial.

Ferro, M. (1988). *A história vigiada*. Martins Fontes.

Foley, M., & Lennon, J. J. (1999). Interpretation of the unimaginable: The US Holocaust Memorial Museum, Washington, DC, and "dark tourism." *Journal of Travel Research*, 38(1), 46-50.

Logan, W., & Reeves, K. (2009). *Places of Pain and Shame Dealing with 'Difficult Heritage'*. Routledge.

Ricoeur, P. (2007). Memoria, storia, oblio. *Lettera. Rivista trimestrale europea*, 91(1), 1000-1004.